

## LETRAMENTO NA ESCOLA DA TEORIA À PRÁTICA: UM OLHAR PARA A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

*Emanuely Monteiro Celestino* (UFAC)

[manu19celes@gmail.com](mailto:manu19celes@gmail.com)

*Precília Achermann Vieira* (UFAC)

[lia\\_chermann@hotmail.com](mailto:lia_chermann@hotmail.com)

*Tatiane Castro dos Santos* (UFAC)

[tatitcs@hotmail.com](mailto:tatitcs@hotmail.com)

### RESUMO

Tendo em vista a necessidade de conhecimento sobre letramento, este artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre o que este termo, discutindo suas origens, definições, e sobre como as discussões sobre esse novo fenômeno está contribuindo no processo ensino-aprendizagem de nossos alunos de escolas públicas. Com base nessas reflexões, apresenta-se, ainda, o papel do professor durante esse processo e aborda o tema da variação linguística, fazendo considerações sobre seu ensino na escola. Propõe-se, também, uma proposta de intervenção que discute a variação linguística à luz dos estudos do letramento. Dessa forma, entendendo que o indivíduo possui diversos universos sociais, nos quais ocorrem diferentes práticas de letramento, cabe ao professor compreender e respeitar tais práticas e utilizá-las como subsídio para o processo de aquisição de novos conhecimentos do alunado em sala de aula. Por tudo isso, desenvolver uma atividade baseada no letramento é entender que determinado assunto será aprendido pelo aluno e o mesmo o utilizará em seu cotidiano expandindo seu conhecimento para além dos muros da escola. Como subsídio teórico para esta reflexão teremos: Bortoni-Ricardo; Machado; Castanheira (2010) Kleiman (2008), Kleiman (2005) Bagno (2007), além de outras leituras que contribuíram para a explanação do tema.

#### Palavras-chave:

Letramento. Prática social. Variação linguística.

### 1. *Introdução*

No processo educacional público de nosso país o que se enfatiza no ensino de língua portuguesa é a leitura e escrita. Na busca por novos subsídios para melhorar os resultados nesta disciplina, surge recentemente uma nova nomenclatura, o termo Letramento. Como consequência disso, ocorreram e ainda ocorrem equívocos e a grande indagação: devemos usar letramento ou alfabetização? Essa dúvida existe principalmente entre professores, muitas vezes, por falta de qualificação ou geralmente por uma informação errada, resultando no não entendimento do verdadeiro significado deste

termo e o mais importante, qual a sua contribuição para o ensino em nossas escolas.

O conceito de letramento já entrou no discurso escolar – por exemplo, nos documentos que falam do currículo, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) –, porém foi entrando por diversas portas, por ser um conceito usado por diversas áreas (educação, didática, lingüística aplicada, história da leitura) ao falarem dos usos da escrita. Isso tem causado muita confusão. (KLEIMAN, 2005, p. 7)

Por tal motivo, faz-se necessário refletir e discutir sobre esse tema para, assim, desfazer certos equívocos e, finalmente, compreendermos a grande relevância que a aplicação deste conceito proporcionará para o conhecimento sobre a língua na prática social. Pelo viés do letramento, podemos contribuir para que o nosso alunado compreenda o estudo da língua para além dos muros da escola, aplicando em seu contexto real as informações aprendidas no recinto escolar. Este artigo tem o intuito de discutir sobre o termo letramento e o papel do professor diante desta nova perspectiva, através de uma reflexão teórica dos mais conceituados autores que dedicaram seu tempo e estudo para levar aos demais esclarecimentos sobre tal termo. Além de fazer considerações sobre a variação linguística, assunto esse que, se abordado de maneira eficiente, pode esclarecer muitas dúvidas sobre o uso da língua.

Por consequência disso, torna-se fundamental elaborar uma proposta de intervenção baseada nos pressupostos teóricos estudados, voltados para o uso social da língua tanto na escrita quanto na leitura, destinada para os alunos do Ensino Fundamental II, visando ampliar seus conhecimentos, considerando os diversos tipos de vivência social que nossos alunos possuem.

A discussão sobre Letramento no universo educacional brasileiro é recente e muitas dúvidas surgiram, principalmente no professor do ensino básico, quanto ao conceito de letramento e também sobre como desenvolver uma proposta de letramento. Isso se dá, muitas vezes, por confundirem letramento com um método de alfabetização ou que letramento e alfabetização são termos sinônimos. Para tentar contribuir com essa discussão, faz necessário debater o tema, a problemática em torno dele e, por fim, apresentar uma proposta baseada no letramento, a fim de elucidar a falta de esclarecimentos teóricos sobre a temática discutida.

## 2. *Concepções sobre letramento*

Durante muitos anos, em nosso país acreditou-se ingenuamente, estar no caminho certo quanto ao desenvolvimento das habilidades exigidas pela sociedade vigente, no que se refere ao ensinar a falar e escrever, o ritmo com que os elevados índices de analfabetismo foram “desacelerando”, nos deu a falsa impressão de que mais pessoas em nosso país estariam, de fato, tendo acesso à leitura e consequentemente a escrita. Esse ideal de alfabetização começou a desmitificar-se, quando nos deparamos com resultados de avaliações externas, os quais demonstraram um quadro, no mínimo, preocupante acerca nível de compreensão de leitura dos alunos das escolas públicas do Brasil.

Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010) nos dizem:

[...] o Saeb apresentou os seguintes resultados na avaliação da compreensão leitora de alunos do ensino fundamental e médio: na quarta série do ensino fundamental, a compreensão leitora de 18,7% dos foi avaliada como muito crítica pelos critérios do Instituto Nacional dos Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Em 36,7% das provas o resultado foi avaliado como crítico; em 39,7%, como intermediário. Somente 4,8% dos alunos obtiveram resultado adequado. (BORTONI-RICARDO; MACHADO; CASTANHEIRA, 2010, p. 11)

A análise desses resultados elucidou uma realidade totalmente diferente da qual estávamos a par nos índices de analfabetismo. O fato é que os projetos desenvolvidos no território nacional podem ter alfabetizado uma boa parte da população, entretanto várias indagações emergem: Será que esses indivíduos apenas aprenderam a decodificar letras e números? Será que quem passou por esse processo está de fato compreendendo o que lê? Será que ele está interagindo e utilizando a escrita de forma eficiente no seu dia a dia? Podemos assim entender que:

[...] a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita. (SOARES, 2001, p. 36)

É neste momento de inquietude que nos deparamos, com o termo letramento. Ele surge como uma nova “esperança” para os fracassos expressados pelos resultados obtidos nas avaliações externas. No entanto, interpretações erradas deixaram principalmente professores do ensino básico

sem entender o real significado da palavra letramento.

Os esboços sobre esta nova nomenclatura, segundo Kleiman (2008 p. 16), passaram inicialmente a serem utilizados por estudiosos como uma maneira de tentar separar o uso social da escrita da concepção de alfabetização. Fato este que podemos notar, pois em meados do século XVI, o letramento limitava-se a estudar somente a predominância de uma padronização da linguagem. E, com o decorrer dos anos, os estudos foram aprofundados na tentativa de tentar compreender como se dá o uso da escrita e qual o seu efeito em cada grupo social.

A palavra “letramento” não está ainda dicionarizada. Pela complexidade e variação dos tipos de estudos que se enquadram nesse domínio, podemos perceber a complexidade do conceito. Assim, se um trabalho sobre letramento examina a capacidade de refletir sua própria linguagem de sujeitos alfabetizados *versus* sujeitos analfabetos [...] segue-se que para esse pesquisador ser letrado significa ter desenvolvido e usar a capacidade metalinguística em relação à própria linguagem [...] (KLEIMAN, 2005, p. 17)

Tentar explicar como a capacidade de escrita e, conseqüentemente, da leitura é utilizada em cada grupo, seja ele mais rico ou mais pobre, virou objeto de estudo em questões sobre o uso da linguagem como interação social. Investigar como pessoas consideradas não-alfabetizadas conseguem mesmo assim sobreviver em uma sociedade grafocêntrica, tornou-se um dos alvos principais dos estudiosos dessa temática, isso nos mostra o quão complexo é este termo e que ele não se enquadra exclusivamente em uma perspectiva.

A dificuldade de definir o que realmente é letramento está no fato dessa concepção ser relativamente nova no campo da educação, e as dificuldades de encontrar subsídios para sanar as dúvidas sobre este conceito fazem com que ocorram interpretações errôneas e definições precipitadas. Dentre as diversas explicações equivocadas relacionadas ao termo em discussão, é a de que muitos professores acreditaram ter surgido um novo método que iria substituir alfabetização.

Conforme Kleiman (2005, p. 9), inicialmente:

Os pesquisadores que começaram a estudar, [...] as funções e práticas da língua escrita e seu impacto na vida social, eram cientistas sociais [...] como esse assunto está relacionado a questões muito relevantes para a educação, ele chega à escola e aí é interpretado em função daquilo que é relevante para o trabalho escolar, ou seja o método. (KLEIMAN, 2005, p. 9)

Faz-se necessário, desmistificar essa interpretação de que o letramento veio como um novo método e que a alfabetização deveria ser esquecida e trocada pelo letramento, infelizmente foi assim que alguns entenderam o termo, como um substituto para algo que está inserido no conceito, no entanto não se restringe somente a isso.

O domínio da língua oral e escrita refere-se às capacidades de ler e escrever, de fazer o uso do objeto de escrita e leitura, tanto na dimensão da alfabetização como no âmbito do letramento. Alfabetização e o Letramento são processos que mesclam e coexistem na experiência de leitura e escrita nas práticas sociais, apesar de serem conceitos distintos. (RIOS; LIBÂNIO, 2009, p. 33)

Já foi citado anteriormente que a definição de letramento é complexa e, por isso, vai além da alfabetização. Ela faz parte dele, ou seja, ela é a aquisição do código linguístico, sendo, portanto, uma das muitas práticas relacionadas ao letramento. Se considerarmos que as instituições sociais usam a língua escrita de forma diferente, estágios diferentes, diremos que a alfabetização é uma das práticas sociais de uso da escrita da instituição escolar (KLEIMAN, 2005, p. 16).

Faz-se necessário compreender que este conceito não pode ser confundido com uma habilidade distinta, que pode ser desenvolvida somente dentro do ambiente escolar, letramento, pode-se dizer que é, na verdade, uma série de habilidades e competências relacionadas à leitura e à escrita, que podem ocorrer tanto na escola quanto no ambiente no qual o indivíduo está inserido (KLEIMAN, 2005, p 18).

Ao entendermos que essa nomenclatura é de fato muito ampla, comecemos a compreender o termo letramento e sua complexidade. Através de diversas conquistas com relação à educação, hoje o ato de ler e escrever tornou-se um direito de todos, dessa maneira a visão que tínhamos da educação se transformou e trouxe com esta mudança novas nomenclaturas que tentam explicar os fenômenos relacionados à compreensão da função social da língua.

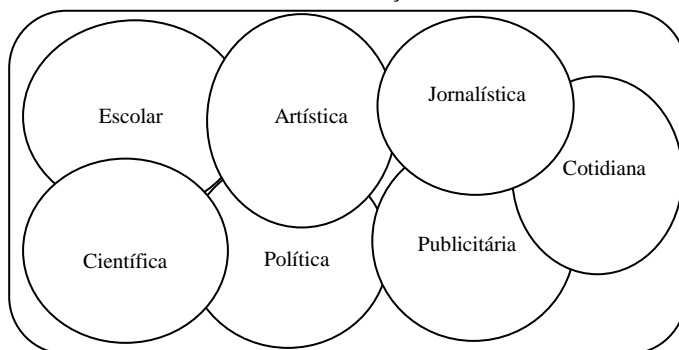
É preciso considerar que os povos foram se adequando ao processo de apropriação tanto da leitura quanto da fala, o modo como cada grupo apropria-se da língua e a utiliza em seu cotidiano é peculiar. Kleiman, (2008, p. 18-9) afirma que, “[...] o letramento é aqui considerado um conjunto de práticas sociais”, cujos modos específicos funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder.

Dessa maneira, podemos entender que letramento é maneira como cada indivíduo ou grupo social, vai interagir com seu meio através da escrita ou da fala, engana-se quem entende que este fenômeno ocorre somente dentro das salas de aula, ou somente nas aulas de língua portuguesa. Ele extrapola esse ambiente e atinge as diversas camadas da sociedade, pode ocorrer no banco, em uma loja, na igreja, em casa, ou seja, o letramento irá depender do uso social tanto da prática escrita quanto da fala.

Oralidade e múltiplos letramentos estão segundo, Kleiman (2005, p. 42) ligados quando nos referimos ao uso da variação linguística dentro da interação da linguagem e discurso, de fato temos situações as quais exigem uma preparação da fala como uma entrevista de emprego ou um discurso oficial para um determinado evento, em outros momentos, porém temos a fala descompromissada e espontânea sem a preocupação formal dos participantes da fala, esses momentos são os mais frequentes na vida do aluno, visto que o mesmo está dentro das várias situações que os múltiplos letramentos proporcionam.

Para Rojo (2009, p. 110), em nosso cotidiano somos constantemente rodeados por esferas de atividades e de circulação de discursos as quais ocorrem simultaneamente e dentro delas consequentemente, diversos contextos de discursos se entrelaçam e nos obrigam a interagir de acordo com a exigência de fala ou escrita de cada um.

**Figura 1. Esferas de atividade social ou de circulação dos discursos**



Fonte: Rojo (2009, p. 110).

Neste quadro, a autora exemplifica alguns os diversos contextos so-

cais que podem envolver o discurso social do falante, e, é dessa maneira que o multiletramento estará vinculado ao uso da língua, tanto na modalidade oral, quanto escrita, visto que, o usuário da língua está envolvido em diversos contextos que possibilitará a ele utilizar a maneira mais eficiente da língua de acordo com cada contexto.

A relação de formalidade e informalidade no discurso vai “determinar a modalidade de língua a ser utilizada: assim, podemos agradecer um presente, aceitar um convite, oferecer os pêsames, falando ou escrevendo, e isso depende, basicamente do nível de formalidade da situação” (KLEIMAN, 2005, p. 44).

### **2.1. O papel da escola e do professor na perspectiva do Letramento**

Para que o indivíduo se torne atuante em seu contexto sociocultural, ele necessita de conhecimentos que vão além do ato de decodificação de letras e números, desse modo este deve ser estimulado a desenvolver habilidades de compreensão, comunicação e interação. Reconhecemos que, já é um representativo avanço entender-se isso. Assim a escola deve instigar seu público-alvo a ir além da decodificação de grafemas, essa atitude fará com que o mesmo se torne atuante eficaz em sua comunidade.

Um dos principais objetivos da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática. (ROJO, 2009, p. 107)

O processo de letramento ocorre muito antes do indivíduo frequentar e conhecer o ambiente escolar, ele inicia primeiramente no ambiente familiar, no bairro, na igreja, entre outros. No entanto, é na escola e através do professor como mediador que, efetivamente, o estudante se apropria do código linguístico e, assim, desenvolve sua capacidade de compreensão ou não, do uso das habilidades comunicativas como prática social, dessa maneira:

[...] o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos [...] As práticas sociais específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática [...] que desenvolve alguns tipos de habilidade mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (KLEIMAN, 2008, p. 19)

Esses processos que ocorrem dentro e fora da escola são chamados de eventos de letramento, os quais envolvem propostas que abranjam outras vivências e englobam, conseqüentemente, mais de um indivíduo com conhecimentos diferentes em um dado momento, motivados por um interesse comum. Dessa maneira, torna-se uma ação colaborativa (KLEIMAN, 2005, p. 23).

Desenvolver essa interação é o desafio dado à escola, visto que ela se transformou na principal agência de letramento conhecida, esta deve considerar que cada aluno possui, antes de ingressar neste ambiente, um nível de letramento trazido de seus contextos familiares, religiosos e assim por diante. Refletir sobre isso e desenvolver estratégias tanto de escrita quanto de leitura, que façam sentido e provoquem o interesse neles é fundamental, para que não aconteça a frustração dos discentes diante do processo de aquisição da língua e do entendimento de sua função social.

O professor também precisa ter clareza de que tomar um conto, um bilhete, uma notícia, dentre outros gêneros possíveis, como objeto de ensino, requer um percurso pedagógico distinto, pois, mais do que levar o aluno a compreender os aspectos formais que organizam os diferentes gêneros textuais, é fundamental levá-lo a refletir sobre as práticas sociais em que os gêneros textuais se inserem e os discursos e os temas que nele circulam. (ROJO, RANGEL, 2010 p. 79)

Dentro desse ambiente, o professor, muitas vezes, não consegue desenvolver as habilidades já citadas, pelo fato das instituições ainda priorizarem o uso da língua em sua modalidade mais formal e isso não faz parte do círculo no qual o estudante vive, e por esse motivo, não é pertinente a ele. Por consequência disso, a escola não cumpre seu papel de agência letradora, visto que desenvolve somente uma parcela do letramento: a apropriação do código linguístico.

[...] ao entrar na escola, na maioria das vezes, as crianças se deparam com a experiência da alfabetização, lendo textos específicos apenas com o propósito de serem avaliadas quanto à construção do sistema alfabético, transformando a leitura em uma atividade escolar pouco prazerosa. (ROJO; MOURA, 2012 p. 36)

Entretanto, já é possível percebermos a mudança através do esclarecimento e divulgação do letramento como um subsídio para a prática dentro da sala de aula, isso se dá através dos cursos de formação continuada promovidos pelos órgãos competentes e também pela reformulação da grade curricular das graduações e a sensibilização do contexto escolar. Tais movimentos disseminam as contribuições e discussões acerca da importância



deste tema para o desenvolvimento das habilidades letradas dos alunos.

É tarefa da escola desenvolver atividades que proporcionem que os estudantes progridam em relação ao desenvolvimento de habilidades leitoras ao longo da educação básica. [...] é preciso que as escolas, ao desenvolverem seus projetos pedagógicos, consideram que um trabalho eficiente com a leitura requer que sejam exploradas habilidade e competências em determinados níveis, de forma que, conforme o aluno progrida na educação básica, essas habilidade e competências possam torna-se mais complexas. (BORTONI-RICARDO; MACHADO; CASTANHEIRA, 2010, p. 53)

A escola deve, entre outras ações, enfatizar a participação de todos os professores nos processos de leitura e escrita, quebrando esse paradigma de que estas habilidades e competências são exclusivamente dos educadores de língua portuguesa. Essa é uma errônea interpretação que, infelizmente, alguns professores tendem a perpetuar, afinal não se lê nem se escreve somente nas aulas de língua portuguesa, todos devem aderir a ideia de que todo professor deve desenvolver a leitura e a escrita em suas respectivas disciplinas.

[...] todo professor deve ser professor de leitura, visto que ler fazer parte da aprendizagem, devendo, por isso, fazer parte de todas as atividades. No mundo em que estamos inseridos, que se encontra em constante transformação, é necessário um modelo dinâmico de aprendizagem, que possa ser capaz de contemplar não só o conhecimento, mas também a sua aplicação na vida real. (BORTONI-RICARDO; MACHADO; CASTANHEIRA, 2010, p. 52)

Ao professor, cabe mediar esse processo de apropriação da escrita como prática social, procurando, primeiramente, conhecer o mundo letrado no qual o alunado está inserido, evidenciar quais bagagens ele traz para o contexto escolar. Entretanto, não basta somente ter conhecimento de tal fato, mas sim, desenvolver metodologias e práticas que levem em conta a vivência do estudante, fazendo-o despertar e compreender que sua língua tanto na oralidade quanto na escrita está presente em todos os momentos do seu contexto social.

### ***2.1.1. Letramento e suas contribuições no ensino da variação linguística***

Dentre os vários cenários da educação brasileira, encontramos sempre novas considerações acerca de nomenclaturas que, antes, eram desconhecidas pela maioria dos profissionais da educação. O termo letramento é um deles, existem também os sempre citados, porém pouco explorados com

eficiência como, por exemplo, a variação linguística. Este é um dos principais temas relacionados ao ensino da língua portuguesa e, tal qual outros termos mais recentes no ensino da língua, evoca muitas dúvidas entre os educadores.

Entre as várias discussões que permeiam o ensino da leitura e, conseqüentemente, da escrita dentro do ambiente escolar, está o desafio dos professores de língua materna em conscientizar a função do uso formal e informal da língua no cotidiano do estudante, fazendo-os entender que na escola não se aprende somente a gramática normativa, é possível aprender a língua portuguesa de maneira reflexiva. Um dos assuntos que pode fazer com que o aluno compreenda isso é as variações linguísticas, tal assunto pode se tornar mais compreensível se trabalhado sob a perspectiva do letramento.

O impacto dessa nova concepção de ensino é, sem dúvida, muito positivo. No entanto, como tudo o que é novo, ela precisa vencer pelo menos dois grandes obstáculos: (1) a resistência das pessoas muito apegadas às concepções antigas e às práticas convencionais de ensino, e (2) a falta de formação adequada das professoras para lidar com todo um conjunto de teorias e práticas que até então jamais tinham aparecido como objetos e objetivos do ensino de português. (BAGNO, 2007, p. 28)

Os equívocos que permeiam o ensino da língua portuguesa não se resumem somente ao ensinar ou não gramática normativa, vão muito além, se pararmos para pensar, muitos colegas não conseguem trabalhar as adequações e inadequações da língua nos diversos contextos. Isso, porque muitos ainda carregam a falsa concepção de que sempre se deve falar bem sempre, utilizando a normas de prestígio impostas pela elite. O fato é que não devemos desprezar o uso das normas de prestígio, mas devemos nos atentar aos nossos alunos, compreender que eles convivem e possuem diversos ambientes nos quais são letrados de diversas maneiras. E isso é certamente evidenciado no uso que ele faz da leitura e da escrita dentro e fora do ambiente escolar.

Existem situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso da língua diferentes. A variação, assim aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas sejam ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas. E, como tais, são condicionados por esses fatores. Além disso, a língua só existe em uma sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua. (ANTUNES, 2007. p. 104)

É de nosso conhecimento que a variação linguística existe em todas as línguas, visto que ela surge de uma interação social entre todos os falantes. Dessa maneira, não existe interação somente entre a elite, mas, sim, entre todas as camadas da sociedade. Podemos perceber essa interação se voltarmos nosso olhar para dentro de nossas escolas públicas, nelas são refletidos os mais diferentes níveis tanto econômico quanto intelectual e isso se reflete diretamente no uso da língua.

Quando partimos do ponto de vista de o que ensinar na disciplina de língua portuguesa, em muitos casos, isso se explica historicamente, priorizamos a gramática normativa, utilizando somente frases soltas, sem sentido para o aluno, gerando assim o desinteresse do mesmo em estudar língua portuguesa. Em muitos casos, deixamos de explorar e dar valor ao conhecimento que nossos alunos trazem de casa. E quando nos deparamos com a variação linguística, erroneamente utilizamos exemplos caricatos, levando, muitas vezes, ao preconceito linguístico estereotipando um tipo de variação.

Com isso, temos que considerar a questão dos letramentos múltiplos, que nas considerações de Rojo (2009, p. 111) “podem ser entendidos na perspectiva *multicultural* (*multiletramentos*), ou seja, diferentes culturas, nas diferentes esferas, terão práticas e textos em gêneros dessa esfera também diferenciados”. Dessa maneira, o falante poderá utilizar em algum momento, a variação linguística, visto que na maioria das vezes o contexto cultural irá exigir uma prática mais informal do uso da língua e isso implicará na utilização de alguma forma de variação linguística, seja ela: diatópica, diastrática, diamésica, diafásica ou diacrônica. Isso necessita ser entendido e explorado pelo professor de língua portuguesa, ele deve proporcionar a reflexão dos alunos para as diferentes perspectivas do uso da variação linguística e da variedade de prestígio do uso da língua.

### **3. *Materiais e métodos***

Este trabalho tem por objetivo discutir as concepções de letramento, entender que este termo é primordial para o desenvolvimento pleno, tanto da competência da escrita quanto da leitura, como prática social visando o ensino da língua portuguesa. Baseado neste entendimento, buscou-se, como aporte teórico, autores conceituados que deram subsídios para a compreensão dos termos a serem discutidos.

Para explanação dessas concepções temos as contribuições de Klei-

man (2005) e (2008) com seus esclarecimentos acerca do letramento; Bortoni-Ricardo; machado; castanheira (2010) discutindo a importância da formação do professor como agente de letramento; Kleiman (2008), com discussões sobre letramento como uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita; Kleiman (2005), que traz reflexões sobre letramento e sua relevância; Bagno (2007), com reflexões sobre a variação linguística, além de outras leituras que contribuíram para o melhor entendimento do tema dissertado.

Para a proposta de intervenção voltada para a variação linguística utilizou-se uma sequência didática. Dolz & Schneuwly (2004) a definem como um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito, contribuindo, assim, para uma efetivação da aprendizagem do gênero a ser trabalhado.

Espera-se, com as reflexões e discussões feitas no decorrer deste artigo, contribuir para o ensino eficaz da língua portuguesa, levando em consideração os diversos tipos de letramento dos alunos e o papel do professor na conscientização sobre uso efetivo da língua e sua função na sociedade.

#### **4. Sequência didática – variação linguística**

A proposta de intervenção para ser aplicada na sala de aula apresenta-se como subsídio para o professor de língua portuguesa trabalhar as variações linguísticas e os diversos usos da língua nas práticas sociais.

##### **4.1. Descrição da Sequência didática**

Tema: Variação linguística: Por que falamos assim?

Apresentação: O tema escolhido torna-se de grande relevância para que o aluno entenda a função da língua portuguesa tanto na modalidade escrita quanto na oral, fazer com que ele se aproprie, conheça e entenda como ocorre esse fenômeno da língua, conseqüentemente, compreender em que momentos exigidos pela sociedade o aluno poderá utilizá-las.

Público-alvo: Turma Projeto Avançar – Fase 2

Esta turma reúne alunos com atraso na aprendizagem, repetentes e fora da faixa etária exigida para a série na qual estavam. Por tal motivo, o

governo estadual do Amazonas implantou este projeto com o intuito de igualar o nível de ensino com a idade do alunado, fazendo-o, assim, progredir para uma série/ano que esteja de acordo com seu nível de ensino e sua idade.

Duração: 15 aulas

Objetivo: Apresentar as várias formas que a língua portuguesa é falada no país, analisando sua funcionalidade e discutindo os fatores que influenciam, além de apresentar em que situações devemos utilizar as normas de prestígio da língua no contexto social.

Momento inicial:

Nesta etapa se inicia a apresentação do tema a ser trabalhado com os alunos através dos vídeos de uma série de reportagem: “Sotaques do Brasil”, exibida no Jornal Hoje, sobre as várias formas de falar a língua portuguesa. Após este momento, se farão alguns apontamentos e levantamento de dados para saber o nível de conhecimento dos alunos acerca do tema a ser introduzindo durante as aulas.

Segundo momento:

Retomada do assunto abordado na discussão anterior com o auxílio de uma apresentação em slides, enfatizando quais os fatores extralinguísticos que contribuem para as variações da língua portuguesa. Após a explanação, o professor realizará atividades de leitura, análise de textos (como tirinhas, diálogos, reportagens etc.). O professor fará indagações para o melhor entendimento da função social da língua e auxiliará na compreensão das atividades desenvolvidas.

Terceiro momento:

Ao término das discussões e análises textuais, será proposta uma produção escrita da seguinte maneira: escrever diálogos entre falantes da língua portuguesa em situações diversas (diálogos, entrevistas de emprego, apresentação de um trabalho etc.) presentes no cotidiano. O objetivo é que eles percebam e reflitam em quais momentos da sociedade e de uso da língua, podemos empregar as normas de prestígio ou as variações linguísticas estudadas.

Produção final:

Finalizando as atividades, após reescrita das situações, os alunos, em

duplas, apresentarão e representarão os diálogos desenvolvidos no decorrer das aulas, para toda a turma. Com a culminância dessa atividade, pretende-se que o aluno perceba os fatores extralinguísticos que influenciam as variações linguísticas e em que momentos do nosso dia a dia as utilizamos. As diferenças entre a modalidade oral e escrita da língua deve ser percebida por eles, fazendo-os entender que em determinados momentos do nosso cotidiano devemos fazer o uso da forma mais prestigiada da língua e a escola tem como função promover este ensino, contudo, ela também deve promover a reflexão dos fatores que contribuem para a variação linguística, tanto na oralidade quanto na escrita.

## 5. *Discussão*

A situação do nível de leitura segundo os dados citados anteriormente evidencia um quadro alarmante sobre a competência leitora de nossos alunos. Percebemos que alguns fatores estão ligados direta ou indiretamente para o agravamento desse quadro, entre eles estão a falta de estrutura escolar, falta de aperfeiçoamento dos professores, falsa concepção de que ensinar a decodificar é ensinar a ler, entre outras.

Entretanto, essa perspectiva está se modificando, dentre as várias concepções que podem contribuir para a melhoria do ensino de língua portuguesa está a perspectiva do letramento, ajudar o aluno compreender como sua língua funciona na escrita ou na fala, bem como salientar a função e a influência que a mesma exerce em nossa vida em sociedade. Neste caso, o letramento torna-se um grande subsídio para a concretização de ensino de língua materna efetivo. Dessa maneira desenvolver uma atividade voltada para esse norte, contribuirá para o desenvolvimento pleno de habilidades que irão ultrapassar o ambiente escolar e se disseminar dentro do contexto social no qual o aluno está inserido.

As concepções de letramento apresentadas nesta discussão por Kleimam (2005) nos direcionam sempre ao mesmo entendimento, para que ocorra um significado pleno de aprendizagem na escrita ou na fala do aluno, ele deve primeiramente entender para que serve a escrita ou a fala e porque devemos estudar a língua portuguesa. A partir dessas indagações, o professor deve levá-lo a compreender que em todos os momentos de nosso cotidiano estamos inseridos em um processo de interação com a língua. E, por isso, devemos entender a função da escrita e da fala e sua importância

para os falantes.

Nessa perspectiva, abordar o tema como variação linguística, Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010) ressaltam que o professor tem um papel importante nesse processo de letramento, é através dele e de suas capacidades de desenvolver atividades em sala, que o alunado poderá conhecer os fenômenos linguísticos específicos de nossa língua, o porquê e como ocorrem esses eventos recorrentes da fala, ou seja as variações linguísticas e como e onde deve-se utilizar a adequação da variedade de prestígio da língua. Pois sabemos que a escola é maior agência de letramento, frequentada pela maioria da população e por isso deve oferecer, possibilitar e facilitar o acesso ao conhecimento de maneira eficaz ao seu público-alvo.

A variação linguística é muito discutida, e Bagno (2007) resalta que esse fenômeno ocorre em todas as línguas visto que, toda língua sofre influências diversas tais como: social, regional, escolar, histórico entre outros. Isso faz com que o professor busque subsídios para ensinar aos seus alunos para que assim eles possam analisar, perceber e entender como nossa língua se altera por esses fatores, entretanto não deixa de ser compreendida pelos outros falantes da língua.

Em síntese, entendemos que o aluno precisa ser atuante no desenvolvimento de seus estudos, no entanto ele precisa ser um ensino eficaz que o estimule e leve em consideração seus diversos níveis de letramento, para isso o professor deve estar ciente de que ele tem o papel de mediador do processo ensino-aprendizagem e que é no ambiente escolar que este será desenvolvido.

## **6. Conclusão**

Ao término deste trabalho, conclui-se que o surgimento de novos termos relacionado ao ensino e a divulgação e interpretação equivocada destes, gerou e ainda gera muitos conflitos entre o público que tem acesso a esses conceitos. No caso do termo letramento, após as explanações neste artigo, entendemos que entre sua complexidade sua principal vertente é o uso da escrita e da fala como fator social, isso significa que estas devem ser entendidas por sua funcionalidade dentro do contexto social no qual o indivíduo convive.

Vale ressaltar, antes de tudo, a importância do professor como agen-

te letrador, ele deve entender que seu aluno, antes de chegar ao ambiente escolar, já passou por vários processos de letramento. Porém, a escola constituiu-se como a maior agência de letramento, e é nesse ambiente que todo professor de língua portuguesa deve, norteado pela concepção de letramento, elaborar maneiras de estimular o estudo da língua voltado para o convívio social, contribuindo para que o aluno compreenda a função da língua escrita ou falada em todas as esferas sociais possíveis.

A partir dessas discussões, elaborou-se uma proposta de intervenção voltada para o letramento, abordando um assunto muito comum, mas pouco enfatizado que é a variação linguística. Pretende-se, com essa sugestão, trabalhar as concepções de variação e, conseqüentemente, conscientizar o aluno sobre o preconceito linguístico, além de oferecer-lhe a oportunidade de refletir sobre em que momentos ele faz usos das normas de prestígio e das variações em sua rotina diária.

Entendemos que o termo letramento possui sua complexidade, e que ele precisa ser estudado mais a fundo, principalmente ser discutido com os profissionais da educação de forma clara e objetiva. Só assim é que a escola, sendo a maior agência de letramento, poderá contribuir para que o indivíduo se torne capaz de desenvolver seu aprendizado de maneira eficaz, dentro e fora do ambiente escolar. Esclarecer os equívocos com relação ao ensino da escrita e leitura ajudarão a desenvolver e a trabalhar com as habilidades exigidas para a compreensão da língua portuguesa em uma sociedade que exige do indivíduo um conjunto de conhecimento sobre a leitura e a escrita.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo. Parábola, 2007.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo. Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R.; CASTANHEIRA, S. F. *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo. Contexto. 2010.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na es-*



cola. Trad. e org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas. Mercado das Letras. 2008.

KLEIMAN, A. B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?*. Ministério da Educação. Cefiel/IEL. UNICAMP, 2005-2010. (Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais)

RANGEL, E. de O.; ROJO, R. H. R. (Coord.). *Língua portuguesa: ensino fundamental*. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

RIOS, Z. LIBÂNIO, M. *Da escola para casa: alfabetização*. Belo Horizonte, RHJ Editora, 2009.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2001. p. 13-60